

# Do Neo-Escolasticismo ao New Criticism: A Intelectualidade Católica Brasileira

380



**Leonardo D'Avila**

Universidade Federal de Santa Catarina

Durante a década de trinta, do século XX, estabeleceu-se no Brasil uma intelectualidade de cunho conservador com um propósito neotomista, com semelhanças e diferenças com a filosofia de autores franceses como Jacques Maritain, Georges Bernanos ou Daniel Rops (COMPAGNON, 2003). Entretanto, durante a Segunda Guerra Mundial, muitos artistas e intelectuais que estavam instalados em Paris vieram exilados para a América, assim como aconteceu com juristas e artistas de vanguarda.<sup>1</sup> Esse artigo investiga algumas dessas relações interatlânticas de uma intelectualidade espiritualista no período entre-guerras e os primeiros anos depois do armistício, focadas em dois críticos literários principais: Alceu Amoroso Lima, líder dos católicos leigos e um dos mais influentes críticos literários daquele momento

---

<sup>1</sup> Sobre o exílio dos intelectuais franceses, ver: JACKSON, Julian. *France: the dark years (1940-1944)*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

e Afrânio Coutinho, outro acadêmico bastante conhecido nos meios literários, especialmente pelo seu papel de difusor do *New Criticism* norte-americano no Brasil. Pergunta-se: quais tipos de relações foram estabelecidas antes dessas iniciativas?

Ainda que o exílio de artistas e intelectuais ao novo mundo seja um dado amplamente reconhecido, o Brasil é considerado nesse contexto com certa raridade. Salvo por alguns antropólogos, como Lévy-Strauss e Roger Bastide, e alguns juristas italianos, pouco se sabe sobre a rede de artistas exilados que vieram ao Brasil em função do catolicismo. É possível afirmar, baseando-se em uma pesquisa em periódicos culturais católicos (especialmente *A Ordem e Vida*, ambas do Rio de Janeiro) bem como outras publicações diversas e até mesmo cartas, que, se houve menções mútuas entre intelectuais brasileiros e europeus, somente após esses exílios é que houve um diálogo no qual os interlocutores estivessem realmente abertos à troca de ideias, bem como conciliar o catolicismo com o american way of life e abarcar problemas concretos daquele tempo de uma maneira mais tolerante do que antes.

### ***Renouveau Catholique* no Brasil**

No período entreguerras, o *renouveau catholique*, uma nova tendência no pensamento católico, difundiu-se por católicos leigos determinados a cristianizar instituições políticas desde o fim do século XIX, tornou-se um motivo para a agremiação de muitos artistas e intelectuais pelo mundo durante os anos vinte e trinta. Esses ideais foram difundidos especialmente por aqueles que se sentiram desconfortáveis em aderir a ideologias predominantes, como o positivismo, o comunismo ou o fascismo (VILLAÇA, 2006). Todas essas ideologias eram consideradas como demasiadamente materialistas para eles, que preferiam se dedicar a uma direção mais espiritualista. Essa intelectualidade católica foi fortemente influenciada pelo Papa Leão XIII em 1879, por haver determinado uma renovação pelo tomismo e principalmente pela encíclica *Pax Christi in regno Christi*, por Papa Pio XI em 1922, o que incentivou a formação de elites intelectuais militantes em todos os países com vistas a retomar a influência de Roma e das hierarquias eclesiásticas na política, na moral e nas artes. Se os principais difusores desses ideais foram intelectuais franceses e

belgas, o Brasil foi um dos primeiros países a cumprir boa parte dessas propostas. Ainda em 1921 o intelectual militante conservador Jackson de Figueiredo estabeleceu no Rio de Janeiro a revista *A Ordem*, um periódico mensal que tinha o imperativo de “recatolicizar o Brasil”, conforme suas próprias palavras (AZZI, 2006). Um ano mais tarde, para cumprir com as determinações de Roma, foi fundado, também por Jackson, o *Centro Dom Vital*, uma associação cultural formada por católicos leigos, desde médicos, políticos, professores, entre outros profissionais, que partilhavam da mesma aspiração, com estima pelo pensamento de Joseph De Maistre e Juan Donoso Cortés, além de nutrirem certo interesse por filósofos mais espiritualistas como Pascal, Henri Bergson ou Raymundo Farias Brito, entre outros. Em 1928, Jackson de Figueiredo morre e seu amigo Alceu Amoroso Lima, recém convertido, assume a direção do Centro Dom Vital e da revista *A Ordem* com a intenção de criar uma revista mais voltada à cultura e menos à política. Em alguns anos o grupo promoveu debates notáveis filosóficos, além de haver publicado poetas novos e renomados, como Jorge de Lima, Murilo Mendes ou Vinícius de Moraes.

Alceu era também um modelo de filósofo e crítico literário para intelectuais mais jovens, como Sylvio Elia, Alberto Guerreiro Ramos e Euryalo Cannabrava. Um desses jovens era Afrânio Coutinho, que abandonara os estudos de medicina para se dedicar à literatura, o que se provou não ser uma decisão vã, tendo em vista que chegou a exercer um grande papel nos estudos literários brasileiros no século XX. Em seu primeiro artigo em *A Ordem*, em 1936, mas escrito em 1935, Coutinho (1936b, p. 36-51), com 25 anos, trouxe à discussão o problema do neotomismo e do neoescolasticismo para os estudos literários, para o qual mostrou-se um hábil leitor de Jacques Maritain e Étienne Gilson. No mesmo ano, Jacques Maritain desembarcou na cidade de Salvador na Bahia, onde ele próprio se encontrou com Afrânio Coutinho antes de continuar sua viagem ao Rio de Janeiro e a Buenos Aires. Um ano mais tarde, por sinal, ele publicou uma leitura do livre *Rimbaud, le drame spirituel*, escrito por Daniel Rops<sup>2</sup>, outro autor francês ligado à ideia de *renouveau catholique*, portanto fortemente comprometido com o catolicismo, mas por suas publicações mais críticas, como nas revistas *La Vie Intellectuelle* ou *Sept*. O principal tema do artigo de

---

2 No entanto, em 1935 Coutinho já havia publicado seu livro “Daniel Rops e a ânsia do sentido novo da existência”.

Coutinho era o furor divino, no qual salientou uma teorização de uma alteridade radical no trabalho de Rops, afirmando que “a literatura é um meio mágico para o indizível. O escritor é um meio, em outras palavras, a expressão quase inconsciente de um ‘outro’ que fala por sua boca (Rops)” (COUTINHO, 1936a, p. 40).

É bastante interessante saber que o futuro difusor da *close reading* no Brasil anteriormente havia se interessado por uma compreensão espiritualista da escrita. Ainda que o entusiasmo não fosse um problema para a crítica literária, a qual se encontrava parcialmente no principal argumento do Íon de Platão, por exemplo, sempre permaneceu um tema relacionado a uma exterioridade (ou um tipo de magnetismo) que afeta os textos. Esse arrazoamento metafísico foi a base dos primeiros trabalhos de Coutinho. De qualquer maneira, por suas citações de Maritain e Rops em suas publicações após 1935, é possível concluir que Coutinho estava a par e envolvido no que se passava na vanguarda católica francesa e que, através dela, teve algum contato pessoal com Jacques Maritain em sua rápida descida em Salvador.

Alguns dias depois, Maritain chegou ao Rio de Janeiro, onde foi recebido por Alceu Amoroso Lima, àquele tempo uma das figuras culturais mais proeminentes no Brasil e um líder inquestionável dentro da intelectualidade católica (See COMPAGNON, 2003). A principal ideia difundida por Alceu era a redescoberta de uma hierarquia de valores, isto é, a abstração da realidade material para a seleção de uma teleologia objetiva, algo muito próximo ao tomismo. Mas sua atividade pública não era nada contemplativa. Ao contrário, pretendia criar uma elite intelectual em favor da ordem, dos princípios e da disciplina nas instituições e no povo comum, protegendo-os do comunismo e da secularização, o que condizia parcialmente as ideias conservadoras de Jackson. Assim, deveria haver ensaios políticos *para* a difusão de ideias, poemas *para* a aproximação da fé e crítica literária *para* a moralização das artes. Em síntese, as ações sempre buscariam alguma finalidade, isto é, eram um meio para um fim abstrato objetivo. Assim, a atividade política deveria ser indireta. Mesmo após a morte de Jackson, Alceu Amoroso Lima manteve o legado do amigo. Em 1932, foi cofundador da Liga Eleitoral Católica (L. E. C.), que não era um partido, mas a atividade para guiar o povo para agir e votar na forma mais apropriada, o que funcionou tão bem que a Constituição do Brasil

de 1934 reconectou parcialmente Igreja e Estado. Em 1935 tornou-se líder da Ação Católica Brasileira. Curiosamente, a iniciativa de L. E. C. difundiu-se pela França. A experiência brasileira da L. E. C, vale lembrar, não teve precedentes no mundo, e chegou a ser discutida no periódico *La Vie Intellectuelle*, a principal revista cultura católica na França, na qual Maritain contribuía. Em janeiro de 1934 em um artigo de Jean Duriau, observam-se as seguintes palavras:

Mais nous souhaitons vivement que l'action de la ligue catholique soit des plus efficaces. L'expérience serait intéressante à étudier et à imiter après avoir subi la contagion pernicieuse du Nord du continent américain, l'Europe aurait alors avantage à chercher des modèles au-dessous de l'Équateur et à se remettre résolument à l'ouvrage en vue d'un établissement des valeurs. (30 novembre 1933)". (DURIAU, 1934, p. 51)

Se houve muitos contatos entre intelectuais brasileiros e franceses em torno da doutrina tomista ou da militância católica, isso não consiste em afirmar que esses contatos fossem diálogos. A presença de Maritain no Brasil não garantiu uma disseminação imediata de suas ideias. Ao contrário, mesmo que fosse um autor respeitado pela sua exegese de São Tomás, ele não foi realmente conhecido durante a década de 30 por suas posições políticas mais recentes. Quando Maritain passou pelo Rio de Janeiro em 1936, seu livro de maior impacto, “Humanismo Integral”, ainda estava em processo de publicação e passou despercebido no Brasil. Enquanto os primeiros estudos foram mais rígidos em torno da teologia em um sentido histórico e teórico, seu novo livro trouxe novas ideias de democracia bem como a aceitação de alguns princípios do comunismo e da rejeição da autocracia em todas as suas formas, o que, parcialmente, era o fundamento de uma crítica a ditaduras, como a dos nacionalistas na Espanha ou a da ascensão de Hitler e Mussolini.

Maritain não permanece por muito tempo no Brasil. Ele continuou sua viagem a Buenos Aires e lá encontrou posições ainda mais conservadoras do que aquelas dos católicos brasileiros. Assim, enquanto Maritain discursava nos “Cursos de Cultura Católica”, uma grande parte dos intelectuais católicos e a própria Igreja argentina condenaram suas novas ideias como heréticas, especialmente por ele não haver visto na Espanha nacionalista uma cruzada de fé, conforme

afirmara Monsenhor Gustavo Franceschi, diretor da revista *Criterio*, uma publicação comparável a *A Ordem* na Argentina. Em meio a essa polaridade entre católicos conservadores e humanistas, Maritain encontrou melhor recepção nos intelectuais de direção liberal do grupo “Sur”, especialmente de Eduardo Mallea e Victoria Ocampo, que também discordavam em ver alguma virtude na Espanha reacionária, conforme é possível ler na revista em agosto de 1937 quando condenaram a violência naquele país, afirmando que no editorial que eram eles os verdadeiros cristãos: “nos interesa la cosa política sino cuando está vinculada con lo spiritual. Cuando los principios cristianos, los fundamentos mismos del espíritu aparecen amenazados por una política, entonces levantamos nuestra voz” (POSICIÓN de Sur, 1937, p. 7).

### **A mudança intelectual em tempos de guerra**

Nos anos seguintes, a guerra seria um ponto de mudança nesse tipo de polarização entre católicos intelectuais em ambos os lados do atlântico, e, dado que seus contatos eram geralmente seguidos de muito mais tensões do que concordâncias, não é possível afirmar que os intelectuais católicos brasileiros ou argentinos tenham simplesmente aderido ao *renouveau catholique* francês ou ao neoescolasticismo. Durante a guerra, o continente americano tornou-se a residência de muitos intelectuais, como Maritain, que viviam em Nova Iorque, e Georges Bernanos, que viveu no Brasil, enquanto ambos foram muito ativos na defesa da libertação francesa das forças do Eixo. Foi durante esses exílios que os intercâmbios entre intelectuais franceses, brasileiros, argentinos ou mesmo norte-americanos tornaram-se muito mais efetivos e duradouros. O Brasil recebeu, além de Bernanos, autores como Gabriela Mistral, Otto Maria Carpeaux e Stefan Zweig, todos eles ligados de algum modo com a intelectualidade católica, alguns por vizinhança, como Zweig, que vivia na mesma redondeza que Alceu Amoroso Lima, outros por interesse comum, como Gabriela Mistral e especialmente Bernanos. Mas suas relações estavam longe de serem consideradas estáveis, como se pode pressupor na leitura de uma carta de Bernanos a Alceu escrita em 1938. Ela seria publicada dez anos depois na revista *Esprit*, dirigida por Emanuel Mounier, e nela Bernanos critica a visão cega dos membros da “Ação Católica”

no Brasil perante a hierarquia canônica assim como suas esquivas em lidar com problemas imediatos, argumentando que “você todos traem a ideia inspirada no Espírito Santo, alguns por malícia, outros por preguiça... Vocês irão pagar caro por essa traição ao Espírito Santo” (BERNANOS, 1950, p. 191). A carta permite perceber a fé mais espontânea de Bernanos em choque com a serenidade — e, por vezes, conformismo — de Alceu, quem, àquele tempo, opunha-se aos regimes totalitários por uma atitude branda. Mas todas essas amizades imiscuídas a trovões seria também uma espécie de despertar para a revisão de algumas ideias políticas e morais em ambos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, de fato, os movimentos de intelectuais não eram realizados em apenas um sentido porque no continente americano também houve intercâmbios. Um deles pode ser exemplificado pela estadia de Afrânio Coutinho em Nova Iorque entre 1942 e 1947, quando ele aceitou o trabalho de secretário na edição brasileira da revista *Selections of the Reader's Digest*, a qual muito em breve seria a revista mais lida do Brasil. Esse era também um ponto de virada, sabendo-se que essa sua nova ocupação contrastava com a inquietação que anteriormente descrevera o pensamento e a educação dos Estados Unidos.<sup>3</sup> A tradução dos textos era feita por outro intelectual renomado, Octávio Mangabeira, que, àquela época, estava exilado em Nova Iorque por suas contribuições com os fascistas no *Integralismo* brasileiro. Mas a versão brasileira da revista não mostrava muitas modificações. A única mudança para a versão norte-americana, à primeira vista, era praticamente alguns jogos com palavras, como “melhore seu vocabulário”, ou a colagem de frases de autores nacionais, como Machado de Assis, Mário de Andrade ou Érico Veríssimo, formando uma brincadeira em uma página intitulada “Frases poéticas e pitorescas”. Mas a América Latina, em geral, aparece nessas edições, pelas imagens de animais ou de paisagens na contracapa, curiosamente sempre como *imagem* e não como *texto*, embora de uma maneira pitoresca e poética. De qualquer forma, longe de dirigir a revista do *american way of life*, Afrânio Coutinho frequentou alguns cursos na Universidade de Columbia com personalidades muito interessantes como Maritain, àquela época exilado nos Estados Unidos, de quem se tornou um amigo

---

3 Um exemplo destes textos pode ser visto em COUTINHO, Afrânio. *Vocação da América: Ocidente e Continente. A Ordem*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 9, p. 352-360, set. 1938.

próximo.<sup>4</sup>

Nesse momento, Coutinho também assistiu a curso de outros intelectuais renomados, como Roman Jakobson ou René Wellek, cujas ideias provaram-se muito importantes para o futuro de Coutinho, quando ele passa a aderir a muitos postulados no *New Criticism*, norte americano, bem como do formalismo russo. Não muito após sua volta ao Brasil, Coutinho deu início a uma coluna intitulada “Correntes Cruzadas” no jornal *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, que durou de 1950 a 1961, em uma tentativa de opor a crítica subjetiva e supérflua, normalmente pequenos julgamentos de amigos ou inimigos em jornais, o que ele chamava de crítica impressionista, com uma outra mais séria. Coutinho, assim, iniciou uma campanha por análises mais científicas, ou, pelo menos, com zelo científico, fazendo uso de estudos literários universitários e, mais do que isso, afirmando que a nova crítica deveria começar por um retorno ao texto em sua individualidade e não a uma mera ilustração histórica, moral ou discussão sociológica. Era tempo de se separar a crítica literária real, enquanto um estudo com sua própria metodologia de uma revista jornalística, na qual impressões imediatas do leitor eram o principal objetivo ou mesmo buscavam servir de ilustração a alguma tese de qualquer ciência humana, exceto à própria literatura (COUTINHO, 1975).

Mas como é possível que Afrânio Coutinho, um dos maiores apoiadores do modo de pensar neo-tomista, como se vê em seus ensaios e traduções sobre Daniel Rops e Jacques Maritain nos anos trinta, nos quais a universalidade do texto era o objetivo principal, poderia, em um par de anos no exterior, retornar com teorias opostas às que possuía, focando justamente na individualidade do texto? Uma resposta possível à questão é a de que o neotomismo e o *New Criticism* não são necessariamente estranhos, mas lados diferentes do velho problema entre universais e indivíduos. No neotomismo isso é visto com menor dificuldade, mas mesmo para o *New Criticism* ele não está oculto. Ao contrário, é muito explícito. O primeiro argumento que abre o amplamente conhecido *Theory of literature*, de Wellek e Warren, é construído no propósito de redescobrir a importância da individualida-

---

<sup>4</sup> Essas relações de amizade ficaram registradas no livro de depoimentos: *Jacques Maritain*. Afrânio Coutinho (org.). Rio de Janeiro: Agir, 1945.

de nas obras de arte. Afirma-se:

Why do we study Shakespeare? It is clear we are not primarily interested in what he has in common with all men, for we could then as well study any other man, nor are we interested in what he has in common with all English men, all men of Renaissance, all Elizabethan dramatists, because in that case we might just as well study Dekker or Heywood. We want rather to discover what is peculiarly Shakespeare's, what makes Shakespeare Shakespeare; and this is obviously a problem of individuation and value. Even in studying a period or movement or one specified national literature, the literacy student will be interested in it as an individuality with characteristic features and qualities which set in off from other similar groupings. (WARREN; WELLEK, 1973, p. 19)

388

No mesmo estudo, vale lembrar, Wellek rejeita explicitamente o pensamento literário neotomista porque seus excessos de abstrações e seu modo absoluto de pensar o texto em uma universalidade. De qualquer modo, no final, ambas as posições, a neo-escolásticas e a neocrítica, compartilham da mesma distinção entre universalidade e individualidade, sem rejeitar o polo oposto. Finalmente, a diferença reside na preponderância do indivíduo sobre o universal para o *New Criticism* e a preponderância do universal sobre o indivíduo para o neo-escolasticismo.

Alceu Amoroso Lima, por sinal, não viajou aos Estados Unidos nos anos quarenta e não explicita em seus escritos sobre literatura a discussão sobre a individualidade. Mas ele alcançou alguma fama no exterior. Quando a guerra terminou, ele já havia publicado em revistas relacionadas a leigos católicos, como *Criterion* na Argentina e *La Vie Intellectuelle* na França, além de haver formado uma rede de correspondentes pelo mundo. Contudo, após a morte de seus melhores amigos dentro do clero brasileiro, como Dom Sebastião Leme ou o padre Leonel Franca, ele perdeu apoio para seus projetos no Brasil e não manteve o mesmo ritmo das décadas de trinta e quarenta. Em 1949, Alceu viajou em uma peregrinação pela Europa e, em janeiro de 1951, ele finalmente aceitou viajar aos Estados Unidos para assumir, entre 1951 e 1953, o posto de Diretor do Departamento Cultural da União Pan-americana, órgão da Organização dos Estados Americanos (OEA). Quanto ele chega, começa a pensar sobre a individualidade. Um das primeiras impressões era o fato de que os americanos careciam de um

pensamento sobre a vida pós-morte e também que eram os guardiões do legado de um imperativo de vida no qual ela deveria ser um triunfo pessoal. Ele afirmou:

Life is a victory to conquer, not an heritage to enjoy, they seem to keep saying. And, because of that, they developed an extraordinary energy and toughness. Americans are definitely capable of great deeds... No other people in the world knew how to develop a welfare philosophy more dangerous or more complete. The pioneer spirit remains mainly intact. (LIMA, 1955)

389

Algum tempo depois, seus textos começaram a ser mais e mais contundentes e críticos sobre a situação política norte-americana, chegando a argumentar contra os republicanos e até lamenta a eleição de Eisenhower. Após seu retorno, se antigo ritmo, de alguma forma, volta, se bem que ele não mais se dedica mais a textos programáticos. Sua dedicação principal como crítico literário é mais sutil, com publicações com apelo político leve, como sua *Introdução à literatura brasileira*. Contudo, passou a escrever livros políticos, como *A realidade americana*, no qual aponta muitas críticas à realidade norte-americana e o american way of life, enquanto lá viveu, ou *Revolução, reação ou reforma*, de 1964, um livro que rejeitava toda forma de autoritarismo e foi publicado no mesmo ano do golpe militar no Brasil, um ato que o tornou uma voz importante no pensamento político de esquerda. De qualquer maneira, esse tipo de reação seria muito improvável na década de trinta, primeiro porque ele havia sido sempre muito diplomático e cuidadoso em suas palavras, apesar de estar muito presente em debates públicos. Ele chegou mesmo a escrever o programa do Partido Democrático Cristão no Brasil em 1945, sem, no entanto, haver se filiado a ele. Nos anos 50, no entanto, ele se demonstrou mais assertivo, não apenas por uma mudança no pensamento político ou por uma nova moralização, mas especialmente porque começou a ver suas próprias atividades como atos políticos por si mesmos. E isso condiz com o textos, que agora eram sua própria finalidade e não mais um meio separável de sua consequência, revelando um tipo de pragmatismo após seu retorno dos Estados Unidos nos anos 50. Seu livro *Problemas de Estética*, publicado em 1960, demonstra o reconhecimento de certa objetividade da obra de arte com suas regras próprias lado a lado com as humanas e naturais.

Art is the domain increasingly expanding of freedom, from architecture to poetry. Besides, along with the different species of art, the arts of creation, verbal or plastic, are the own expression of undefined human possibilities, for which man, exercising his freedom, crates a new world in the image and likeness of his inventive power that begins, by the way, to have a life of its own and objective, side by side with natural and human forms. Art is, then, the own domain of freedom ruled itself by the objective requirements of the developing masterpiece, or by the expansion of the subject, in music and poetry". (LIMA, 1960, p. 31)

### Mais do que palavras

390

Entre a rede de intelectuais e artistas católicos que se afirmou durante a Segunda Guerra Mundial, esses dois brasileiros, Afrânio Coutinho e Alceu Amoroso Lima, podem demonstrar, por um caminho pouco óbvio, como a crítica literária na primeira metade do século XX passou de um ponto de vista moralista e teleológico para um outro muito mais lógico e proponente de uma leitura aberta. Durante os anos trinta, os Estados Unidos eram vistos com precaução exagerada, cujas ideias eram considerados a personificação do individualismo, que era censurado em nome do personalismo ou do neotomismo, duas concepções metafísicas. A abertura aos Estados Unidos e a suas ideias acadêmicas pela intelectualidade católica leiga brasileira não foi apenas uma posição baseada na campanha de guerra da época. Foi um sintoma de uma completa nova forma de ver a cultura, na qual intelectuais de diferentes países coexistiram e novos diálogos emergiram, bem como muitas de suas concepções mudariam para sempre. Os ideias de Amoroso Lima seriam, após o período entreguerras e sua estadia nos Estados Unidos nos anos cinquenta, um ponto de virada para uma experiência de mundo mais compreensiva e uma abertura para as lutas com soluções práticas a problemas políticos concretos em vez de buscar respostas atemporais para tudo. Muito desse novo Alceu foi expresso durante a ditadura na qual o antigo líder católico se tornou um opositor mordaz do regime militar (Cf. MENDES, 1966).

O real contato de Jacques Maritain e Afrânio Coutinho nos Estados Unidos também foi um ponto de virada. Mais do que uma simples defesa dos valores americanos parcialmente explicados por sua atividade na revista *Seleções*, sua estadia entre católicos e New Critics

impactou para sempre sua vida e carreira. Sua crítica literária passou a considerar o texto em sua concretude, isto é, em sua individualidade. Portanto, essa discussão tem um certo resquício de escolasticismo, mas sobrepasa a mera especulação na medida em que esta mudança para o indivíduo trouxe um novo modo de ler e de pensar. Ainda assim, essa nova abordagem fortificou uma visão autonomista da literatura. Não apenas a de uma autonomia como sinônimo de nacional, senão como uma nova modalidade de crítica literária baseado no texto.

É possível concluir que esses anos de guerra e pós-guerra evidenciam uma rede rica e complexa de intelectuais entre diversos continentes, o que torna possível pensar em um tipo de afiliação de intelectuais do continente Americano por parte dos europeus. Assim, esses relacionamentos permanecem muito pouco investigados e, por isso, ainda há muito trabalho a ser feito, especialmente quando eles são pensados enquanto uma grande rede e não apenas enquanto parte de uma dialética entre mentores e discípulos. Mesmo se brasileiros, argentinos e franceses coincidiram em muitos postulados, especialmente por dar grande crédito a Maritain e a parte mais metafísica de sua obra, as ações políticas tomadas pela Igreja no Brasil, como a Liga Eleitoral Católica, foi tomada como um modelo por setores do pensamento francês e argentino. Entretanto, é possível não discernir a mudança radical que os intercâmbios culturais entre intelectuais europeus e americanos quando todos os exilados e anfitriões necessariamente precisaram criar diálogos mais horizontais, novos modos de lidar com problemas práticos assim como flexibilizarem-se a si mesmos: como fizeram Amoroso Lima e Coutinho.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AZZI, Riolando. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educamp, 2006.

BERNANOS, Georges. Lettres a Amoroso Lima. *Esprit*. Paris, nº170, p. 191, aug. 1950.

COMPAGNON, Olivier. *Jacques Maritain et l'Amérique du Sud : le modèle malgré lui*. Paris : Presses Universitaires du Septentrion, 2003.

COSTA, Marcelo Thimoheo da. Um itinerário do século: mudança e ação em Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro: PUC, 2006.

COUTINHO, Afrânio. A aventura poética contemporânea: a propósito do Rimbaud de Daniel-Rops. *A Ordem*. Rio de Janeiro, vol. XVI. p.40. jul-aug, 1936a.

\_\_\_\_\_. A literatura na pesquisa da nova ordem da vida. *Ordem*. Rio de Janeiro, vol. XV, p. 36-51, jan. 1936b.

\_\_\_\_\_. *Da crítica e da nova crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.

DURIAU, Jean. Les mouvement d'idées dans le Brésil. *La Vie Intellectuelle*. Paris, t. XXVI, nº 1, 10. Jan. 1934.

*Jacques Maritain*. Afrânio Coutinho (org.). Rio de Janeiro: Agir, 1945.

LIMA, Alceu Amoroso. *Pela América do Norte*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1955.

\_\_\_\_\_. Problemas de Estética. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

MENDES, Candido. *Memento dos vivos: a esquerda católica no Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.

Posición de Sur. *Sur*. Buenos Aires, nº 35, p. 7, ago. 1937.

VILLAÇA, Antonio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

WARREN, Austin; WELLEK, René. *Theory of Literature*. Harmondsworth: Penguin Books, 1973, p. 19.